

Revista Interuniversitária de Pedagogia Social

Entrevista com o professor **Moacir Gadotti**
Diretor do Instituto Paulo Freire e
professor da Universidade de São Paulo (Brasil)

RIPS – *O senhor escreveu um livro com o título “Educar para um outro mundo possível”, defendendo um altermundismo. Quais as singularidades que caracterizam um cidadão altermundista?*

Gadotti - Diante dos efeitos perversos da globalização capitalista que divide hoje o mundo entre globalizadores e globalizados, contra esse tipo de globalização defendemos, em oposição, o paradigma da planetarização, que consiste em conceber a Terra como uma única comunidade, una e diversa. Nosso desafio é construir uma outra lógica - o altermundismo - e “reformular o pensamento”, como diz Edgar Morin. Os paradigmas clássicos, arrogantemente antropocêntricos e industrialistas, não têm suficiente abrangência para explicar a realidade de hoje. Por não ter uma visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Mais do que cidadãos deste o daquele país, precisamos ser cidadãos do mundo, como sustentava o *Fórum Global* da Rio-92. O cidadão do mundo é aquele que não é estrangeiro em nenhum país. Ele é ao mesmo tempo um ponto de partida e um ponto de chegada. Podemos ser cidadãos do mundo sem perder nossas raízes. Aliás, podemos ser cidadãos do mundo porque somos cidadãos de algum lugar. Uma coisa não anula a outra.

RIPS – *Considera-se o senhor um “altermundista”?*

Gadotti - Como educadores precisamos ser coerentes. Como diz Gandhi, “precisamos ser a mudança que pregamos”, nossa vida deve ser nossa mensagem. Diz a letra de uma música do cantor brasileiro Milton Nascimento: “*estrangeiro eu não vou ser; cidadão do mundo eu sou*”. Se as crianças de nossas escolas entendessem em profundidade o significado das palavras desta canção, estariam iniciando uma verdadeira revolução pedagógica e curricular. Como posso sentir-me estrangeiro em qualquer território desse planeta se pertencço a um único território, a Terra? Não há lugar estrangeiro para terráqueos na Terra. Se sou cidadão do mundo, não podem existir para mim fronteiras. As diferenças culturais, geográficas, raciais e outras, se esvaem diante do meu sentimento de pertencimento à humanidade, ao planeta Terra.

RIPS – *Onde se sustenta essa noção de cidadania planetária?*

Gadotti - A noção de *cidadania planetária* sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões, tais como: “nossa humanidade comum”, “unidade na diversidade”, “nosso futuro comum”, “nossa pátria comum”, “pátria grande” etc. Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra. Trata-se de um ponto de referência ético indissociável da *civilização planetária* e da ecologia. A Terra concebida como “Gaia”, um super-organismo vivo e em evolução. O que for feito a ela repercutirá em todos os seus filhos.

RIPS – *A idéia de uma cidadania planetária não poderia caminhar para uma visão totalitária do mundo, inconcebível diante da diversidade, característica fundamental do ser humano?*

Gadotti - Não. Por isso é que insisto numa humanidade una e diversa, tal como é concebida pelo *Fórum Social Mundial* que considera a diversidade como um dos seus pilares e como a característica fundamental da humanidade. Por isso não pode haver um único modo de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta. O pensamento único neoliberal sustenta que só existe uma via para a humanidade que é o capitalismo. Ao contrário, sustentamos que não há um só caminho. Diante da diversidade humana haverá uma diversidade de caminhos. Diante da

diversidade humana abre-se a possibilidade da *diversidade de mundos possíveis*. Ao pensamento único neoliberal não podemos opor outro pensamento único.

RIPS – *Dentro dessa visão de mundo, qual é o papel da educação? Como educar para essa cidadania planetária?*

Gadotti – Educar para a cidadania planetária é educar para um outro mundo possível, ou melhor, para outros mundos possíveis. Educar para outros mundos possíveis é educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia. Assim fazendo, estamos assumindo a história como possibilidade e não como fatalidade, como sustentava Paulo Freire. Por isso, educar para outros mundos possíveis é também educar para a *ruptura*, para a *rebeldia*, para a *recusa*, para dizer “não”, para gritar, para sonhar com outros mundos possíveis. Denunciando e anunciando.

RIPS – *Mas será que existirão outras possibilidades para este mundo, diante das condições, muitas vezes adversas, nas quais nós vivemos?*

Gadotti - O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a esse paradigma, a educação para outros mundos possíveis respeita e valoriza a diversidade, convive com a diferença, promovendo a intertransculturalidade que mostra tanto as diferenças culturais quanto o que há de comum entre as culturas, que é o ser humano. O núcleo central da concepção neoliberal da educação é a negação do sonho e da utopia. Por isso, uma educação para outros mundos possíveis é, sobretudo, a educação para o sonho, uma educação para a esperança.

RIPS – *Por que você vem insistindo tanto na questão da mercantilização da educação hoje?*

Gadotti – Por que a mercantilização da educação é um dos desafios mais decisivos da história atual, porque ela sobrevaloriza o econômico em detrimento do humano. Só uma educação emancipadora poderá inverter essa lógica, através da formação para a consciência crítica e para a desalienação. Educar para outros mundos possíveis é educar para a qualidade humana para “além do capital”, como nos disse István Mészáros na abertura da quarta edição do Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, em janeiro de 2005. A globalização capitalista roubou das pessoas o tempo para o bem viver e o espaço da vida interior, roubou a capacidade de produzir dignamente as nossas vidas. Cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital.

RIPS – *Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire, dez anos depois de sua morte, continua ainda válido?*

Gadotti – Sem dúvida. Alguns certamente gostariam de deixar o pensamento de Paulo Freire para trás, na história das idéias pedagógicas, e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e todos os que o conhecerem de perto: o respeito à pessoa. Meu amigo Paulo, com o qual convivi 23 anos, sempre foi uma pessoa cordial, muito respeitosa. Podia discordar das idéias, mas respeitava as pessoas, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele. Devemos continuar lendo Paulo Freire porque ele nos ajuda a entender o presente. E mais: seu pensamento e sua práxis político-pedagógica se constituem num sólido referencial para todos nós, educadores de hoje e não para os educadores porque seu pensamento interdisciplinar.

RIPS – *A Europa olha para o Brasil como um cenário de contrastes de toda ordem. O que lá acontece hoje, e o modo como se afrontem esses contrastes, poderia ser considerado um presságio do que passará com o mundo?*

Gadotti – Sem dúvida, o Brasil é um país de contrastes. Somos ainda um país com um grande número de analfabetos e uma distribuição de renda das mais perversas. O governo Lula

iniciou um grande programa de distribuição de renda, o “Bolsa Família”, enfrentando grande oposição das oligarquias, mas ele ainda é insuficiente. O que nasceu de novo no Brasil, e que pode servir de motivo de esperança para o mundo, é o processo do *Fórum Social Mundial*. Ele foi o resultado de mais de 40 anos de luta da educação popular na América Latina, que criou uma nova cultura política e uma forte organização da sociedade civil.

RIPS – *Nos seus livros encontramos que uma alternativa para outra escola possível é o projeto da Escola Cidadã. Qual a sua opinião sobre o estado deste ideal pedagógico?*

Gadotti – O movimento da escola cidadã começou no final da década de 80 e início da década de 90 do século passado. Inicialmente esse movimento estava muito centrado na democratização da gestão e no planejamento participativo. Aos poucos ampliou suas preocupações para a construção de um novo currículo (interdisciplinar, transdisciplinar, intercultural) e de relações sociais, humanas e intersubjetivas novas, enfrentando os graves problemas gerados pelo aumento da violência e da deterioração da qualidade vivida nas cidades e no campo. Quase duas décadas de inovação e de experimentação com base numa concepção cidadã da educação foram suficientes para gerar um grande movimento, uma perspectiva concreta de futuro para a escola, principalmente para a escola pública. Esse movimento demonstra que a sociedade civil está reagindo à tendência oficial neoliberal de internacionalização da agenda da educação com base nas “receitas” contidas em “recomendações” de organismos internacionais como o Banco Mundial e o FMI. Assim como o Movimento da Escola Nova, iniciado no final do Século XIX, representou, no início do século XX, um grande avanço, o Movimento da Escola Cidadã, iniciado no final do Século XX, representa uma grande esperança de renovação para a educação do Século XXI.

RIPS – *Segundo Eduardo Galeano “quando tínhamos as respostas, mudaram-nos as perguntas”. Então perguntaria, qual é hoje a principal pergunta educativa e social em questão no contexto de construção de um altermundo?*

Gadotti – O zapatistas dizem que é perguntando que achamos o caminho. Saber perguntar é essencial. Por isso, Paulo Freire escreveu a *Pedagogia da pergunta*. A direita não tem roubado só nossas perguntas. Tem roubado nossas respostas, tem roubado nossas bandeiras, desvirtuando-as. Não se trata, então, de negar nossas antigas bandeiras porque os conservadores as tem desvirtuado. Ainda lutamos pela autonomia, pela justiça e pela liberdade. Essas bandeiras não envelheceram. Trata-se de mantê-las e reafirmá-las, aprendendo a cada momento, fazendo novas perguntas. E não se trata, por isso, de ter respostas prontas, acabadas, como alguns tínhamos. Trata-se de construir novas perguntas e apostas em novas respostas, ouvindo mais do que proclamando nossas verdades. Trata-se de valorizar a escuta antes da disputa; trata-se de politizar sem polemizar. Na velha esquerda sempre reafirmávamos nossas verdades feitas, mesmo antes de escutar. Polemizamos demais porque temos muitas certezas. Com muitas certezas não vamos hoje muito longe.

RIPS – *Por fim, qual o compromisso da Pedagogia Social para contribuir na construção de um mundo melhor?*

Gadotti – Há várias acepções e concepções de “pedagogia social”. No Brasil ela é concebida como pedagogia dos direitos, pedagogia da inclusão social, atendendo demandas e necessidades de novos sujeitos sociais: população indígena, os remanescentes quilombolas, a população rural, a mulher, a criança e o adolescente, o idoso, o preso, a população de rua e os portadores de necessidades educativas especiais. A educação formal possui limitações para a inclusão social destes grupos e é preciso explorar as possibilidades que as práticas de educação não-formal oferecem para a construção da identidade, a recuperação da auto-estima, a preparação profissional e o desenvolvimento da consciência política e social. Não podemos sonhar com um outro mundo possível sem incorporar à uma vida sustentável esses grandes setores da sociedade, excluídos de todos os direitos. A pedagogia social caracteriza-se, pois, como um projeto de transformação política e social visando ao fim da exclusão e da desigualdade, voltada, portanto, para as classes populares e para um futuro com justiça social.